

**FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO  
DIRETORIA DE DOCUMENTAÇÃO  
BIBLIOTECA CENTRAL BLANCHE KNOPF**

**ESDRAS FARIAS, 120 ANOS DE NASCIMENTO:  
PRESENÇA NO ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**

Virgínia Barbosa  
Bibliotecária da  
Fundação Joaquim Nabuco

RECIFE  
2009

# ESDRAS FARIAS, 120 ANOS DE NASCIMENTO: PRESENÇA NO ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

## SUMÁRIO

|            |   |         |
|------------|---|---------|
| <b>1</b>   | <b>APRESENTAÇÃO</b> , Lúcia Gaspar                                      | 2       |
| <b>2</b>   | <b>QUEM FOI ESDRAS FARIAS?</b>  | 3       |
| <b>3</b>   | <b>PSEUDÔNIMOS</b>  | 4       |
| <b>4</b>   | <b>ROTEIRO JORNALÍSTICO</b>   | 5       |
| <b>4.1</b> | <b>Participação em Periódicos: Relação Alfabética</b>                   | 9       |
| <b>5</b>   | <b>A PRESENÇA DE ESDRAS FARIAS NO ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO</b> | 12      |
| <b>5.1</b> | <b>Colaboração em Periódicos Pernambucanos</b>                          | 12      |
|            | • <i>Álbum de Pernambuco 1933</i>                                       | 12      |
|            | • <i>Almanaque do Recife Lítero-Charadístico, 1966</i>                  | 12      |
|            | • <i>Anuário Cooperativista, 1954</i>                                   | 12      |
|            | • <i>Anuário de Olinda, 1951</i>  | 12      |
|            | • <i>Anuário de Pernambuco, 1935-1936</i>                               | 12      |
|            | • <i>Boletim do Porto do Recife, 1940</i>                               | 12      |
|            | • <i>O Corta-Jaca, 1934</i>   | 13      |
|            | • <i>Jornal do Commercio</i>  | 1920 13 |
|            | • <i>Jornal Pequeno, 1945</i>   | 13      |
|            | • <i>Luar do Norte, 1953-1954</i>                                       | 13      |
|            | • <i>A Pilhéria, 1923</i>   | 14      |
|            | • <i>Pra Você, 1930, 1932-1933</i>                                      | 14      |
|            | • <i>Presente de Natal, 1950, 1953-1954</i>                             | 14      |
|            | • <i>O Rabecão</i>  | 1934 14 |
|            | • <i>Revista da Cidade, 1926</i>  | 14      |
|            | • <i>Revista de Pernambuco, 1926</i>                                    | 14      |
|            | • <i>Rua Nova, 1924, 1926</i>   | 15      |
|            | • <i>A Serra, 1914, 1916, 1918</i>                                      | 16      |
|            | • <i>Timbaúba-Jornal, 1929-1930</i>                                     | 16      |
|            | • <i>Veneza Americana, 1955</i>   | 16      |
|            | • <i>Verde, 1932</i>  | 16      |
|            | • <i>Vitrine, 1940-1942, 1947, 1949, 1954</i>                           | 17      |
| <b>5.2</b> | <b>Colaboração em obras coletivas</b>                                   | 17      |
| <b>5.3</b> | <b>Traduções</b>  | 17      |
| <b>5.4</b> | <b>Obras Sobre ou Dedicadas a Esdras Farias</b>                         | 18      |
| <b>5.5</b> | <b>Depoimento de amigos</b>   | 18      |
|            | Célio Meira   | 18      |
|            | Nenzinha de Azevedo Lima  | 19      |
|            | Pereira de Assunção   | 21      |
|            | Seve-Leite  | 22      |
| <b>5.6</b> | <b>Fotografias e Caricatura</b>   | 23      |
| <b>6</b>   | <b>CADERNO DE POEMAS</b>  | 26      |
| <b>7</b>   | <b>ÍNDICE</b>   | 42      |

## 1 APRESENTAÇÃO, por Lúcia Gaspar

Por ocasião dos 120 anos de nascimento de Esdras Farias (1889-1955), a serem comemorados no dia 20 de novembro de 2009, a bibliotecária Virgínia Barbosa elaborou um importante inventário documental sobre a extensa e hoje pouco conhecida produção, em verso e prosa, do poeta e jornalista recifense.

Baseando a sua pesquisa no acervo da Fundação Joaquim Nabuco, referenciou poesias, crônicas e matérias de autoria do poeta, reunindo e organizando um vasto material, até então disperso em dezenas de periódicos recifenses do início do século XX.

Com uma extensa e profícua produção, escrevendo também sob treze pseudônimos (ver item 3), Esdras colaborou com mais de uma centena de periódicos pernambucanos, de 1910 a 1954, como mostra o *Roteiro Jornalístico* (itens 4 e 4.1) elaborado por Virgínia.

Além de revistas e jornais recifenses, foi colaborador da imprensa de outros municípios de Pernambuco, como *A Serra* (Timbaúba), *O Gravataense* (Gravatá), *Folha de Pesqueira*, *Correio de Moreno*, *Folha do Sertão* (Sertânia), *Olinda: Revista Ilustrada*, *Olinda Jornal*, e responsável por colunas de notícias e crônica social, em jornais do Recife, dentre as quais podem ser destacadas *Malaguetas*, *Isto e Aquilo* (*O Intransigente*), *Caraminholas*, depois denominada *De Bom Humor* (*A Província*), *Uma Vez por Outra* e *A Estação Balneária* (*Jornal do Recife*), *Página de Esdras Farias* (*Luar do Norte*), *Cultura do Passado* (*Vitrina*); *Rua*, *Mulher*, *seus Gestos*, *seus Sorrisos* *seus Perfumes* (*Rua Nova*).

O trabalho apresenta ainda um inédito *Caderno de Poemas*, onde foram reunidos e transcritos quase trinta poemas e sonetos, dispersos em vários periódicos, assim como uma coletânea de fotografias e caricatura de J. Rodrigues, "garimpadas" no acervo.

Para facilitar a consulta foi elaborado um índice onomástico e bibliográfico, remetendo para o número da referência, o que permite o acesso mais rápido a cada nome de pessoa, título de obra ou periódico incluído no inventário.

Com esse trabalho, a autora disponibiliza uma fonte de pesquisa fundamental para estudiosos e pesquisadores da literatura brasileira, em especial da pernambucana, e contribui com mais um inventário bibliográfico elaborado por técnicos da Biblioteca Central Blanche Knopf, que vem somar-se aos já disponíveis no *link Catálogos & Bibliografias* no portal da Fundação Joaquim Nabuco.

Recife, 11 de novembro de 2008

Lúcia Gaspar

Bibliotecária da Fundação Joaquim Nabuco

## 2 QUEM FOI ESDRAS FARIAS?

Esdras Leonam Alves de Farias nasceu na cidade do Recife, na rua das Flores, em 20 de novembro de 1889. Foi funcionário público, poeta, jornalista, tradutor. Escreveu poemas, sonetos, crônicas e artigos em diversos jornais e revistas pernambucanos (de 1910 a 1954), além de exercer, em alguns desses periódicos, a função de diretor, proprietário e redator. Este Esdras muitos conhecem por sua trajetória intelectual.

Entretanto, pouco se sabe sobre o homem Esdras. Isso, talvez, se deva a sua timidez: "Por índole ou pelo meio em que vivia, tornei-me um homem de natureza tímida, isolado, um pessimista sem ser um desiludido".<sup>1</sup>

Ainda menino trabalhou arduamente em um engenho de banguê. Morou no bairro de Beberibe, na cidade do Recife. Construiu sua intelectualidade com a força de vontade e o desejo de ser alguém. Foi um autodidata: "sedento de leituras instrutivas, lia folhinhas de porta, almanaques, livros emprestados, filados, o que me aparecia de literatura tão complexa e desordenada."<sup>2</sup>

Seu perfil pessoal nos foi revelado por meio de seus trabalhos literários, além de outros a ele dedicados ou em depoimentos de quem o conheceu.

O acadêmico Célio Meira, amigo do poeta por quarenta anos, nos apresentou o homem Esdras e algumas de suas características num texto datilografado, um ano depois de sua morte, sob o título *Esdras Farias*:

Boêmio e seresteiro [...] Amava Verlaine. Exaltava Gerard de Nerval. Louvava Edgar Poe [...] era, na Academia Pernambucana de Letras, o mais humilde de nossos companheiros. [...] Irreligioso sem blasfêmias, incrédulo sem piedade, ímpio sem arrogância [...] Adorava as árvores, as flores, os rios, as matas, os animais. [...] Enamorado dos livros [...] Idolatrava Castro Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Rubem Dario, Campoamor, Amado Nervo, Shakespeare, Guerra Junqueiro, Antonio Nobre, Dante Alighieri, Leopard e Petrarca.<sup>3</sup>

Silvino Lopes, outro acadêmico, discorreu sobre o poeta e o homem na apresentação do único livro publicado por Esdras Farias, *Caderno de um descrente*:

Está aqui um homem que o Recife aclama poeta. [...] Conhecendo-o, faz muito mais de trinta anos, não estou autorizado a dizer que o conheço bem. E não há criatura mais simples. Nem há também, que me perdoe o poeta, homem mais irregular [...] queiram ou não queiram os poetas novos, esse homem que envelheceu na mocidade, é um poeta verdadeiro. [...] Conheço-te desvairado na mocidade e desacertado na velhice, o que me faz crer que nesse corpo desengonçado, velho, triste, vive ainda a mesma alma de rapaz [...] que conheci em Beberibe [...] a ler almanaques, copiando versos de dona Edwiges de Sá Pereira, de Mendes Martins e de outros astros daquele tempo. [...] Louvo o poeta que não se desencantou diante das revelações novas [o modernismo]. Não transigiu. Negue-se tudo ao sr. Esdras Farias,

<sup>1</sup> FARIAS, Esdras. Discurso de posse [da Academia Pernambucana de Letras]. *Jornal Pequeno*, Recife, 7 fev. 1947.

<sup>2</sup> Ibid.

<sup>3</sup> O texto completo se encontra no item 5.5, p. 8.

porém, é condição humana, moral e sentimental, reconhece-lo como um poeta de vergonha.<sup>4</sup>

Em 1985, trinta anos após a morte de Esdras, o escritor e jornalista Leduar de Assis Rocha descreveu o poeta em ligeiros traços: "No *Jornal do Recife* conheci Esdras Farias, magro, alto, anguloso, com uma bizzarria de Quixote nordestino a investir contra os moinhos de vento da própria fantasia de poeta, que foi dos que bem podiam ser lidos e sentidos."<sup>5</sup>

Esdras Farias fez parte de uma geração de poetas que povoaram os jornais e revistas de Pernambuco com seus versos românticos. Em plena década de 1920 e de 1930, período que o movimento literário modernista se instalava no Brasil, muitos literatos, a exemplo de Esdras, resistiram ao novo movimento. Assim escreveu o poeta no seu discurso de posse da Academia Pernambucana de Letras (Cadeira nº 15), em 1946: "[...] me sinto feliz por pertencer a esta agremiação onde não existem os tais poetas modernistas que, à força de uma originalidade preconcebida, transformam as suas produções no mais insulso dos logogrifos."<sup>6</sup>

Autor de inúmeros poemas e sonetos inspirados pela figura feminina, Esdras Farias, no discurso de posse da Academia, assim a elas se refere:

[...] se me encontro em posição tão elevada, é porque a mulher pernambucana muito contribuiu para isto, e assim o exige, porque lhe devo a inspiração dos meus versos, à sua beleza e inteligência.  
[...]

Minhas compatriotas, estou aqui pôr vossa causa e não porque o mereça.

E, da mesma opinião é todo homem que, possuindo um coração está certíssimo de que é à mulher, em qualquer atividade de sua vida, que deve a sua ascensão [...].<sup>7</sup>

O jornalista, poeta, tradutor, sonetista Esdras Farias viveu humildemente e humildemente morreu na cidade de Olinda, no dia 29 de abril de 1955. Seus versos continuam vivos e revelam o homem e o poeta além de retratar parte da história literária de Pernambuco.

### 3 PSEUDÔNIMOS

Canário Belga

E...

E. F.

Es. Fs.

Garoto

Gentil Amado

Lázaro Chagas

Lírio Roxo

O. Pires de Molho

O Príncipe das Estrelas

Roberto do Diabo

Sinhá Flor

Zé da Rua

<sup>4</sup> LOPES, Silvino. *Caderno de um descrente*. Recife: [s.d.], 1950. p. 5 et seq.

<sup>5</sup> CAMPOS, Antônio; CORDEIRO, Cláudia (Org.). *Pernambuco, terra da poesia*. Recife: IMC; São Paulo: Escrituras Ed., 2005. p. 543.

<sup>6</sup> FARIAS, Esdras. Discurso de posse. *Jornal Pequeno*, Recife, 7 fev. 1947.

<sup>7</sup> Ibid.

#### 4 ROTEIRO JORNALÍSTICO\*

- 1910 Escreveu poesias no periódico *Pernambuco: Órgão de Livre Opinião*.
- 1911 Foi procurador do periódico *O Symbolo: Órgão do Grêmio Hermes Fontes* (do nº 1 ao nº 3).
- 1912-1914 colaborou nos periódicos *A Notícia: Folha Neutra* (1912); *A Lanceta: Semanário Ilustrado, Crítico, Político e Noticioso*; *A Serra: Órgão de Interesses Gerais do Município* (Timbaúba, em 1914); *O Feitozense: Revista Literária, Recreativa e Noticiosa*; *O Mez. Literário, Crítico, Noticioso* (a partir de 26 jul. 1914); *Estrellas de Junho: Revista Familiar de Sortes*; *Alma Latina: Ciências, Religiões, Filosofias e Artes*, no qual ocupou o cargo de diretor e sub-diretor além de ter trabalhos literários assinados com o pseudônimo Lázaro Chagas.
- 1915 Dirigiu *O Domingo: Letras, Atualidades, Artes* (Olinda).
- 1916 Escreveu sonetos que apareciam na primeira página do *Jornal do Povo* (Vespertino) e no periódico *Palavra: Órgão do Grêmio Literário Virgínio Marques*. Colaborador d'O *Gravataense: Órgão Semanário, Imparcial, Literário e Noticioso*; *Correio de Victória: Órgão Imparcial, Literário e Noticioso*; e *Letras Novas: Revista*, da qual foi diretor junto com Cícero Barbosa. Foi diretor também da *Folha de Outono: Revistinha de Artes e Letras* onde escreveu poemas.
- 1917 Dirigiu (a partir do nº 8, de 4 de agosto) e foi redator-secretário de *O Tempo: Informações, Notícias, Variedades*.
- 1918-1919 Assinava a seção *Malaguetas* do jornal *O Intransigente* no final de dez. de 1918. Nos seus primeiros números o jornal tinha duas colunas sobre Literatura que, ao longo do tempo, foram ampliadas para cinco sob o título *Artes, Literatura, Elegâncias*. Esdras Farias, nas palavras de Luiz do Nascimento "foi o mais fecundo colaborador, em prosa e verso" também utilizando o pseudônimo de Gentil Amado. Foi redator auxiliar deste periódico. No final de agosto de 1919, o gerente do jornal foi substituído por José Clementino, o redator Raimundo Diniz foi afastado e a seção *Malaguetas*, de Esdras Farias, foi substituída por outra, *Isto e aquilo*, também de versos

---

\* Roteiro elaborado a partir da obra de Luiz do Nascimento, *História da Imprensa em Pernambuco*. Recife: UFPE, 1962-1997. 14 v. disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=1087&date=currentDate>. Acesso em: out. 2009.

humorísticos, onde ele assinava com o pseudônimos Zé da Rua. Dirigiu e escreveu poesias em *O Chic: Jornal Elegante e Ilustrado* (Olinda). Também colaborou n' *O Chic: Jornal Ilustrado de Artes, Elegâncias, Literatura e Indescrições* (Timbaúba).

- 1920 Escreveu poesias e artigos literários n' *A Província: Órgão do Partido Liberal*. Mantinha uma seção diária de versos humorísticos *Caraminholas* sob o pseudônimo *E ...*. Nos últimos meses de 1920 essa seção foi substituída por *De bom humor*, passando Esdras a assiná-la com a suas iniciais E. F. Também colaborou com trabalhos ou artigos literários no *Jornal do Commercio*, Recife, a partir do dia 2 de setembro de 1920. Foi colaborador especial na edição de aniversário, em 3 de abril de 1920. Também participou do corpo redacional. Foi um dos primeiros redatores da nova fase do jornal *A Noite: Vespertino Independente*, em 5 de abril, uma vez que houve a fusão com *O Intransigente*. Escreveu os versos satíricos *Horas Alegres* que assinou como Zé da Rua.
- 1921 Colaborou no *Jornal do Recife* (edição vespertina) a partir de maio utilizando os pseudônimos Zé da Rua na seção *Uma vez por outra* e Gentil Amado, a partir de setembro, na seção *A estação balneária*. Assinou prosas e versos com as suas iniciais E. F. Na gestão de Aprígio Faria como redator-chefe do *Jornal do Recife*, Esdras Farias fez parte do corpo redacional.
- 1922 A partir de 4 de novembro de 1922, Esdras aparece como colaborador do jornal *A Tarde*. Também neste ano escreveu poemas e prosas no *Correio de Moreno: Órgão Noticioso e Informativo*.
- 1922 a 1924 – Foi colaborador do *Jornal do Recife: Revista Semana, Ciências, Letras e Artes*; e *A Pilhéria*
- 1925 Os jornais *A Noite: Vespertino Independente* (a partir de 28 jun.) e *O Democrata: Semanário Independente, Literário e Noticioso* registram colaboração esporádica de Esdras Farias. Aos domingos, a partir do mês de agosto, seus trabalhos aparecem no jornal *Diário do Estado* na seção *Diário Literário*.
- 1926-1927 Escreveu artigos esporádicos com o pseudônimo de Gentil Amado no jornal *O Norte do Brasil*. Colaborador do *Correio de Pesqueira: Semanário Lítero-Social, Noticioso e Ilustrado* e na *Revista da Cidade*. Em 1927 Esdras escreveu no periódico *Correio-Jornal* dos dias 27 de agosto (2º aniversário do jornal) e 24 de dezembro (edição dedicada ao Natal).
- 1928 Escreveu na seção *No Mundo das Letras*, do *Jornal do Commercio* (após o dia 26 jan. 1928). As poesias e prosas de Esdras Farias são publicadas *Timbaúba-Jornal: Órgão das Classes Conservadoras do Município* a partir de 17 de março.

- 1929 Colaborou na seção Literatura do jornal *Reação*.
- 1930 Colaborador especial do periódico *P'ra Você: Revista Semanal Ilustrada*.
- 1931-1934 A revista *Vitrina: Revista Ilustrada e Artística* (1ª fase: 1931-1933) traz registros dos trabalhos literários de Esdras. Publicou poesias na edição de aniversário do *Diário da Tarde* (18 de dezembro de 1933). Foi colaborador dos periódicos *Brasil-Portugal* (1932-1933); *O Estado* (1933); *Olinda: Revista Ilustrada – Verão de 1933*; *O Bombardino: Órgão da Festa do Passo* (1933-1934); *P'ra Você* (1933-1934); *Verão: Periódico Semanal, Literário, Humorístico e Noticioso* (1933-1934); *Verde: Revista de Atualidades* (1932-1933); *Hora Nova: Revista de Circulação Periódica* (1933); *Letras e Artes: Publicação do Grêmio Familiar Afogadense* (1933); *Álbum de Pernambuco 1933*; *O Corta-Jaca*, no seu único número de 10 fev. 1934, com os versos *Não tenho medo de bamba!*; *O Mascarado: Carnaval de 1934*; *O Rabecão: Órgão da Fuzarca Pernambucana de 1934*; *Buena Dicha: São João de 1934*; *Preces de Junho: Revista Sanjuanesca* (1934); *Gazeta Ferroviária: Órgão Social-Noticioso*; e *Independência* (1934). Esdras Farias foi proprietário e diretor do periódico *São João em Minha Terra: Anuário de Diversões e Conhecimentos Úteis*, para os dias festivos em homenagem a Santo Antonio, São João e São Pedro, ao lado de Orlando B. Tavares e Cândido Guimarães. Nele também escreveu poesias.
- 1935-1936 Publicou sonetos, prosas e poesias no jornal *A Cidade* (inclusive na edição de aniversário, em 30 abr. 1935) e no *Anuário de Pernambuco para 1935 e 1936* (2ª seção). Foi colaborador dos periódicos *Carnavolândia: Órgão Oficial do Clube de Alegorias Quatro Diabos* a partir de março de 1935; *Orvalho: Magazine Mensal, Literário, Noticioso, Humorístico*; *Revista do Imperial Casino: Mensal, Ilustrada, de Artes, Mudanidade e Teatro*. A partir de abril de 1936 iniciou sua colaboração no jornal *Diário da Manhã* na seção Literatura. Escreveu crônicas no periódico *A Seleta-Magazine: Revista de Interesses Gerais*. Sua colaboração em periódicos se expande: *Mauricea: Revista Mensal Ilustrada*; *A Voz do Recife* (sucessora de *A Voz de Afogados*); *Nosso Boletim*; *Boletim Mozart: Notas e Informações sobre Livros Publicados pela editora Pernambucana*; *Meu São João em Pernambuco: Livro de Sorte e Novidades*; *O Sanjuanesco*; *Atlântica: Revista Quinzenal Ilustrada*; *Pernambuco: Quinzenário do Estado. Interesses do Estado. Informações Mundiais* (foi secretário do periódico e escreveu artigo no primeiro número. Depois suas prosas e versos continuaram esporadicamente); *Presente de Natal: Revista Anual Ilustrada de Literatura Artes e Variedades* (dez. 1936);



- 1937 Redator do *Jornal do Recife*: Revista Semanal. Ciências, Letras e Artes e colaborador d'A *Província: Órgão do Partido Liberal*; *O Bamba de S. João: Para as Noites de São João, Santo Antonio e São Pedro*; *São João da Mauricéa*; *São João do Meu Brasil*; *Cae, Cae, Balão*; *Recife: Magazine Ilustrado: Órgão de Propaganda e Divulgação do Nordeste Brasileiro*; *Momo: Revista Humorística e Carnavalesca*; *Anuário do Nordeste para 1937*: Suplemento do *Diário da Manhã* e *Diário da Tarde* (escreveu na seção dedicada à Literatura); no *Olha a Curva!:* *Humorístico, Crítico, Carnavalesco* (crônicas no Suplemento do Pierrot); e no *Informador de Timbaúba*.
- 1938 Foi colaborador dos periódicos *O Pilar: Órgão Oficial do Centro Educativo Operário da Companhia Produtos Pilar S/A* (foi redator em 1938); *Boletim da C.E.P.: Órgão Oficial da Casa do Estudante de Pernambuco*; *O Septentrião: Revista Mensal Ilustrada*; *Ilustração de Natal: Revista Literária e de Interesse Geral*.
- 1940 Escreveu para o *Jornal da Exposição; Veneza Americana*; e o *Boletim do Porto do Recife* (onde publicou o poema *Velhas barcas*).
- 1941 Fez parte do corpo redacional da revista *Vitrina: Revista Ilustrada e Artística*.
- 1942 Colaborador da revista *Atlântida* e da *Folha do Sertão* (Sertânia).
- 1943 Foi secretário do periódico *Veneza Americana* (ano 1, tomo 2, n. 3).
- 1944 A partir de 6 de fevereiro, no jornal *Diário da Manhã* aos domingos, existiu um Suplemento com bastante espaço sobre Literatura, que durou pouco tempo, e nele Esdras Farias publicava seus trabalhos.
- 1945 Colaborador dos periódicos *Jornal Pequeno* e *Mensagem: Magazine Mensal*. Fez parte do corpo redacional d'A *Seleção Magazine: Revista de Interesses Gerais*.
- 1946 Colaborador do *Itatiaia: Periódico Ilustrado Literatura, Artes, Ciências, Informação*; do *Olinda-Jornal: A Voz de Olinda para seu Povo: Órgão independente*; e da revista *Guararapes*.
- 1947 Diretor e proprietário da *Ilustração de Natal: Revista Literária e de Interesse Geral*; Teve seus trabalhos publicados nos periódicos *Língua de Sogra: Revista de Bom Humor* e *Noite de Junho: Livro de Sortes*.
- 1948 Publicou poemas na página de Literatura Dominicais da *Folha da Manhã* a partir de 4 de junho de 1948.

- 1949 Poesias e prosas publicadas na *Revista do Clube Português; O Democrático: Órgão Oficial do Clube de Alegoria e Críticas "Democráticos de Campo Grande"*.
- 1951 Fez parte da Comissão Diretora (ao lado de Mario Melo, Edwiges de Sá Pereira, Costa Rego Júnior, Araújo Filho e Hermógenes Viana) da *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, em sua terceira fase, iniciada em dezembro, onde publicou poema. Foi redator e colaborador da revista *Luar do Norte*. Colaborou com poesia e prosa no periódico *União: Órgão da Associação Pernambucana de Servidores de Estado e Tribuna de Olinda*.
- 1952 Foi diretor-responsável e colaborador com poesias no noticiário literário *Kermesse* do jornal *Definição: Órgão de Defesa de Nossas Tradições Culturais*. Escreveu poesias e prosas no *Anuário de Olinda* e no *Olinda: Publicação Mensal, Divulgando Assuntos da Cidade*.
- 1953 Publicou poesia no último número do *Boletim Atlântico: Informa Tudo que se Passa em seu Clube* (nº 6, de 1º out. de 1953).
- 1954 Colaborador especial do *Anuário Cooperativista Comemorativo ao Tricentenário da Restauração Pernambucana*, do Recife, com o artigo *O feudalismo rural da Zona da Mata* e os sonetos *O que eram, no passado, os meus amores* e *Não pode ser*.

#### 4.1 Participação em periódicos: relação alfabética

*Álbum de Pernambuco 1933*  
*Alma Latina: Ciências, Religiões, Filosofias e Artes*  
*Anuário Cooperativista*  
*Anuário de Olinda*  
*Anuário de Pernambuco para 1935 e 1936*  
*Anuário do Nordeste para 1937: Suplemento do Diário da Manhã e Diário da Tarde*  
*Atlântica: Revista Quinzenal Ilustrada*  
*Atlântida*  
*Bamba de S. João, O: Para as noites de São João, Santo Antonio e São Pedro*  
*Boletim Atlântico: Informa tudo que se passa em seu clube*  
*Boletim da C.E.F.: Órgão Oficial da Casa do Estudante de Pernambuco*  
*Boletim do Porto do Recife*  
*Boletim Mozart: Notas e Informações sobre Livros Publicados pela editora Pernambucana*  
*Bombardino, O: Órgão da Festa do Passo*  
*Brasil-Portugal: Revista Mensal de Intercâmbio Luso-Brasileiro*  
*Buena Dicha: São João de 1934*  
*Cae, Cae, Balão*

*Carnavolândia: Órgão Oficial do Clube de Alegorias Quatro Diabos*  
*Chic, A: Jornal Elegante e Ilustrado (Olinda)*  
*Chic, O: Jornal Ilustrado de Artes, Elegâncias, Literatura e Indescrições*  
*(Timbaúba)*  
*Cidade, A*  
*Correio de Moreno: Órgão Noticioso e Informativo*  
*Correio de Pesqueira: Semanário Lítero-social, Noticioso e Ilustrado*  
*Correio de Victória: Órgão Imparcial, literário e Noticioso*  
*Correio-Jornal*  
*Corta-Jaca, O*  
*Definição: Órgão de Defesa de Nossas Tradições Culturais*  
*Democrata, O: Semanário Independente, Literário e Noticioso*  
*Democrático, O: Órgão Oficial do Clube de Alegoria e Críticas*  
*"Democráticos de Campo Grande*  
*Diário da Manhã*  
*Diário da Tarde*  
*Diário do Estado*  
*Domingo, O: Letras-Atualidades-Artes (Olinda)*  
*Estado, O*  
*Estrellas de Junho: Revista Familiar de Sortes*  
*Feitozense, O: Revista Literária, Recreativa e Noticiosa*  
*Folha da Manhã*  
*Folha de Outono: Revistinha de Artes e Letras*  
*Folha de Pesqueira: Um Jornal de Todos e para Todos*  
*Folha do Sertão (Sertânia)*  
*Gazeta Ferroviária: Órgão Social-Noticioso*  
*Gravataense, O: Órgão Semanário, Imparcial, Literário e Noticioso*  
*Guararapes*  
*Hora Nova: Revista de Circulação Periódica*  
*Ilustração de Natal: Revista Literária e de Interesse Geral*  
*Independência*  
*Informador de Timbaúba*  
*Intransigente, O: Órgão de Livre Opinião*  
*Itatiaia: Periódico Ilustrado Literatura, Artes, Ciências, Informação*  
*Jornal da Exposição*  
*Jornal do Commercio*  
*Jornal do Povo*  
*Jornal do Recife (edição vespertina)*  
*Jornal do Recife: Revista Semanal. Ciências, Letras e Artes*  
*Jornal Pequeno*  
*Lanceta, A: Semanário Ilustrado, Crítico, Político e Noticioso*  
*Letras e Artes: Publicação do Grêmio Familiar Afogadense*  
*Letras Novas: Revista*  
*Língua de Sogra: Revista de Bom Humor*  
*Luar do Norte*  
*Mascarado, O: Carnaval de 1934*  
*Mauricea: Revista Mensal Ilustrada*  
*Mensagem: Magazine Mensal*  
*Meu São João em Pernambuco: Livro de Sorte e Novidades*  
*Mez, O: Literário, Crítico, Noticioso*  
*Momo: Revista Humorística e Carnavalesca*  
*Noite de Junho: Livro de Sortes*  
*Noite, A: Vespertino independente*  
*Norte do Brasil, O*

Nosso Boletim  
 Notícia, A: Folha Neutra  
 Olha a Curva! Humorístico, Crítico, Carnavalesco  
 Olinda: Publicação Mensal, Divulgando Assuntos da Cidade  
 Olinda: Revista Ilustrada – Verão de 1933  
 Olinda-Jornal: A Voz de Olinda para seu povo. Órgão Independente  
 Orvalho: Magazine Mensal, Literário, Noticioso, Humorístico  
 Palavra, A: Órgão do Grêmio Literário Virgínio Marques  
 Pernambuco:- Quinzenário do Estado. Interesses do Estado. Informações Mundiais  
 Pernambuco: Órgão de Livre Opinião  
 Pilar, O: Órgão Oficial do Centro Educativo Operário da Companhia Produtos Pilar S/A  
 Pilhéria, A  
 P'ra Você: Revista Semanal Ilustrada  
 Preces de Junho: Revista Sanjuanescas. 1934  
 Presente de Natal: Revista Anual Ilustrada de Literatura Artes e Variedades  
 Província, A: Órgão do Partido Liberal  
 Rabecão, O: Órgão da Fuzarca Pernambucana de 1934  
 Reação  
 Recife: Magazine Ilustrado. Órgão de Propaganda e Divulgação do Nordeste Brasileiro  
 Revista da Academia Pernambucana de Letras  
 Revista da Cidade: Órgão Cultural e de Mundanidades, Ilustrado  
 Revista de Pernambuco: Ciência e Arte, Política e Indústria  
 Revista do Clube Português  
 Revista do Imperial Casino – Mensal, Ilustrada, de Artes, Mundanidade e Teatro  
 Rua Nova: Arte, Literatura e Notícias  
 Sanjuanescas, O  
 São João da Mauricéa  
 São João do Meu Brasil  
 São João em Minha Terra: Anuário de diversões e conhecimentos úteis, para os dias festivos a Santo Antonio, São João e São Pedro  
 Seleta-Magazine, A: Revista de Interesses Gerais  
 Septentrião, O: Revista Mensal Ilustrada  
 Serra, A: Órgão de Interesses Gerais do Município (Timbaúba)  
 Symbolo, O: Órgão do Grêmio Hermes Fontes  
 Tarde, A  
 Tempo, O: Informações, Notícias, Variedades  
 Timbaúba-Jornal: Órgão das Classes Conservadoras do Município  
 Tribuna de Olinda  
 União: Órgão da Associação Pernambucana de Servidores de Estado  
 Veneza Americana  
 Verão: Periódico Semanal, Literário, Humorístico e Noticioso  
 Verde: Revista de Atualidades  
 Vitrine: Revista Ilustrada e Artística  
 Voz do Recife, A (sucessora de A Voz de Afogados)

## **5 A PRESENÇA DE ESDRAS FARIAS NO ACERVO DA FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO**

### **5.1 Colaboração em periódicos pernambucanos:**

#### ***Álbum de Pernambuco 1933, Recife, [p. 17]. [P1157/2006 OR]***

- 1 - O caminheiro do esquecimento vai ao encalço do tempo e da beleza. (prosa).

#### ***Almanaque do Recife Lítero-Charadístico, Recife [P64 OR]***

- 2 - Coração peregrino. p. 188, 1966. (poesia).

#### ***Anuário Cooperativista, Recife [P38 OR]***

- 3 - O que eram, no passado, os meus amores. [s. p.], 1954 (poesia). Traz foto do autor. [transcrito no item 6, p. 32 ]  
 4 - O feudalismo rural da Zona da Mata. [s. p.], 1954 (artigo).  
 5 - Não pode ser. [s. p.], 1954 (poesia). Traz foto do autor. [transcrito no item 6, p. 33]

#### ***Anuário de Olinda, ano 5, n. 5, p. 35, dez. 1951. [P691 OR]***

- 6 - Nos velhos montes olindenses. (poesia) [transcrito no item 6, p. 40]

#### ***Anuário de Pernambuco, Recife. [P690 OR]***

- 7 - Peregrinação sentimental. 1935. p. 263. [transcrito no item 6, p. 30]  
 8 - Eu, na Procissão das Almas. 1936. p. 17. 5ª sessão: História e Literatura. (Traz foto do autor). Soneto. [transcrito no item 6, p. 31]  
 9 - Por essa estrada de Damasco. 1936. p. 17. 5ª sessão História e Literatura. (Traz foto do autor). Soneto. [transcrito no item 6, p. 32]

#### ***Boletim do Porto do Recife, n. 5-6, [p. 129], nov./dez. 1940. [P448 OR]***

- 10 - Velhas barcaças. (poesia). [transcrito no item 6, p. 41]

### **O Corta-Jaca, Recife, 1934 [Microfilmagem]**

- 11 - Não tenho medo de bamba! (poesia).

### **Jornal do Commercio, Recife, 1920 [Microfilmagem]**

- 12 - O cuidado de ser triste. 4 abr., p. 5 (poesia). [transcrito no item 6, p. 38 ]  
 13 - O encanto das paredes. 4 abr., p. 5 (poesia). [transcrito no item 6, p. 39]

### **Jornal Pequeno, Recife, ano XLVI**

- 14 - O trem apitou. (sobre o 1º trem a chegar em Caruaru). n. 6, p. 2, 9 jan. 1945.  
 15 - Ainda há presépio. n. 15, 19 jan. 1945.  
 16 - Velhos tempos de festa (crônica). n. 7, p. 3, jan. 1945.  
 17 - Música pelas ruas. (Sobre as lojas das ruas centrais do Recife). n. 35, p. 3, 12 fev. 1945.  
 18 - Quando não houve carnaval. n. 36, p. 3, 14 fev. 1945.  
 19 - A idéia de uma justa homenagem. n. 51, p. 6, 6 mar. 1945.  
 20 - Figuras de romance e da vida. n. 58, p. 3, 14 mar. 1945.  
 21 - A procissão não voltou mais... n. 61, p. 3, 16 mar. 1945.  
 22 - Estudantes. n. 123, p. 3, 1º jun. 1945.  
 23 - O século da velocidade. n. 135, p. 5, 18 jun. 1945.  
 24 - Semana inglesa. n. 141, p. 3, 26 jun. 1945.  
 25 - Tenho pena dos namorados. n. 141, p. 3, 26 jun. 1945.  
 26 - O feudalismo rural da Zona da Mata. n. 191, p. 6, 31 ago. 1945.  
 27 - O que era a Encruzilhada em mil novecentos e onze. n. 199, p. 6, 11 set. 1945.  
 28 - Madalena, estância de vilegiatura. n. 210, p. 6, 25 set. 1945.  
 29 - O preceptor de uma geração de jornalistas (Sobre Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama). n. 241, p. 4, 31 out. 1945.  
 30 - As obras do porto do Recife. n. 279, p. 3, 17 dez. 1945.  
 31 - Cinco minutos de silêncio no túmulo de Hermes Fontes. n. 282, p. 3, 20 dez. 1945.  
 32 - As memórias de um homem de outros dias. (Sobre os pontos históricos e cotidianos da cidade do Recife). p. 6, 24 dez. 1945. 2ª secção.

### **Luar do Norte, Recife**

- 33 - O Recife dos nossos dias. p. 33, jul. 1953. [seção Página de Esdras Farias] (artigo).  
 34 - Lafcádio Hearn. p. 33, jul. 1953. [seção Página de Esdras Farias]. (artigo).

- 35 - Barléus. ano 19, n. 31, p. 7, abr. 1954 (artigo).  
 36 - [Francisco do Rego Barros]. ano 19, p. 6-7, abr. 1954 (biografia).

### ***A Pilhéria, Recife [P830 OR]***

- 37 - A minha vida encantadora. ano 3, n.101, p.21, 1923.

### ***Pra Você, Recife [P954 OR]***

- 38 - Mandinga, Sinhá. ano 1, n. 5, p. 18, 1930.  
 39 - Você tem que me ouvir. ano 1, n. 12, p. 18, 1930.  
 40 - O cavalheiro da vida sem nome. ano 1, n. 14, p. 11, 1930.  
 41 - Criatura misteriosa [Criatura misteriosa]. ano 1, n. 15, p. 21, 1930.  
 42 - Kermesse [quermesse] de Esdras Farias (crônica social). 1932 (ano 2, n. 19, p. 40; n. 20, p. 38; n. 21-22, p. 10; n. 23, p. 12) 1933 (ano 2, n. 24, p. 10; ano 3, n. 25, p. 4; n. 26, p. 10; n. 27, p. 12; n. 28, p. 6; n. 29, p. 10; n. 30, p. 6; n. 30, p. 6; n. 31, p. 31; n. 32, p. 4; n. 33, p. 10). [P954 OR]

### ***Presente de Natal, Recife [P48 OR]***

- 43 - A tormenta desencadeada sobre uma existência. p. 56-59,dez. 1950. [Artigo sobre Edgar Allan Poe].  
 44 - A mentira histórica de um episódio nacional. p. 59; 107, dez. 1953. Traz foto do autor. [Artigo sobre o livro Caramuru do frei José de Santa Rita Durão].  
 45 - Domingos Fernandes Calabar não foi um traidor. p. 68-69; 110, dez. 1954. [Artigo].

### ***O Rabecão, Recife, 1934 [Microfilmagem]***

- 46 - Tostõesinhos pelo amor de Deus. Primeira página.

### ***Revista da Cidade, Recife [P893 OR]***

- 47 - Menino e moço. ano 1, n.7, p. 10, jul. 1926.  
 48 - O colosario dos últimos desgostos. ano 1, n. 10, p. 16, jul. 1926.

### ***Revista de Pernambuco, Recife [P780 OR]***

- 49 - Foi o que me disse Paulo Verlaine. ano 3, n. 27, p. 41, 1926.  
 50 - Cidade em flor. Sobre Cesário Verde (José Joaquim Cesário Verde, 1855-1886). ano 3, n. 24, p. 18 jun. 1926.

- 51 - Os versos da minha pobrezinha. ano 3, n. 28, p. 38 out. 1926.

### **Rua Nova, Recife [P952 OR]**

- 52 - O Príncipe das Estrelas [pseud. De Esdras Farias]. Rua, mulher - seus gestos... seus sorrisos...seus perfumes. (seção de crônica social). ano 2, n. 4, p. 24-25, 1924; ano 2, n. 5, p. 15-17, 1924; ano 2, n. 7, p. 16-17, 1924; ano 2, n. 9, p. 17-18, 1924; ano 2, n. 10, p. 23-24, 1924.
- 53 - O Príncipe das Estrelas [pseud. De Esdras Farias]. Um pouco de poesia e humorismo. ano 2, n. 4, p. 24-25, 1924.
- 54 - O Príncipe das Estrelas [pseud. De Esdras Farias]. Duas linhas para Mlle. B.F. ano 2, n. 4, p. 24-25, 1924.
- 55 - Um pobre diabo futurista (crônica). ano 2, n. 7, p. 23-25, 1924.
- 56 - O cego da beleza (prosa). ano 2, n. 9, p. 24-25, 1924.
- 57 - Vida bohemica: poesia e fome (prosa). ano 2, n. 10, p. 25-26, 1924.
- 58 - Pontas de cigarros. (poesia). ano 2, n. 45, p. 33, 1926.
- 59 - A história que ela não sabia e que eu lhe conto agora. (poesia). ano 2, n. 46, p. 22, 1926.
- 60 - Os gatinhos de rabo fino dos hotéis pobres (poesia). ano 2, n. 49, p. 6, 1926.
- 61 - Aquele velho professor de línguas da Rua Aurora 209. (crônica). ano 2, n. 51, p. 8, 1926.
- 62 - Todos, menos eu. (poesia) ano 2, n. 52, p. 18, 1926.
- 63 - As linhas humanas do transito de um trem de ferro. (poesia). ano 2, n. 53, p. 21, 1926.
- 64 - O evangelho da minha bondade (poesia). ano 2, n. 53, p. 37, 1926.
- 65 - Apontamentos de um Dr. De Boi (artigo sobre a fala dos personagens isolados do bumba-meu-boi). ano 2, n. 54, p. 31-32, 1926.
- 66 - Mãe preta (poesia). ano 2, n. 55, p. 16-17, 1926.
- 67 - A falencia da brasilidade (artigo). ano 2, n. 55, p. 33-34, 1926.
- 68 - Garota (poesia). ano 2, n. 56, p. 25, 1926.
- 69 - Molequinho aleijado (poesia). ano 2, n. 58, p. 15, 1926.
- 70 - Uma historia de amor como tantas outras (poesia). ano 2, n. 59, p. 321, 1926.
- 71 - Meus bilheteiros velhinhos! (poesia). ano 2, n. 62, p. 11, 1926.
- 72 - O coração de um pobre pai amantíssimo (poesia). ano 2, n. 63, p. 28, 1926.[ transcrito no item 6, p. 37]
- 73 - Um pobre diabo ahi sentimental e triste (poesia). ano 2, n. 65, p. 5, 1926.
- 74 - Uma restea de sol corporisada (poesia). ano 2, n. 68, p. 10, 1926. [transcrito no item 6, p. 37]
- 75 - Uma restea de luar que se fez mulher (poesia). ano 2, n. 68, p. 10, 1926. [transcrito no item 6, p. 38]
- 76 - Palavras e palavras nada mais (crônica). ano 2, n. 73, p. 12, 1926.



### **A Serra, Timbaúba, PE [P841 OR]**

- 77 - Teia de aranha (a Jáder de Andrade). ano 2, n. 90, 7 nov. 1914. Literatura. Capa. (prosa)
- 78 - Os ossos do artista. ano 2, n. 90, 7 nov. 1914. Boas Letras. [p. 2]. (poesia). [transcrito no item 6, p. 29]
- 79 - Criatura angélica. ano 4, n. 189, 30 set. 1916. Boas Letras. Capa. (poesia). [transcrito no item 6, p. 29]
- 80 - A luta pelo nome. ano 4, n. 191, 14 out. 1916. Boas Letras. Capa. (poesia). [transcrito no item 6, p. 28]
- 81 - Cheia de graças. ano 4, n. 194, 4 nov. 1916. Boas Letras. Capa. (poesia).
- 82 - Borboleta azul... para os teus olhos que morreram chorando. ano 4, n. 197, 25 nov. 1916. Boas Letras. Capa. (poesia) [transcrito no item 6, p. 40]
- 83 - Recordando-a... ano 6, n. 276, 1º jun. 1918. Boas Letras. Capa. (poesia). [transcrito no item 6, p. 27]
- 84 - A mercê da tarde. ano 6, n. 283, 20 jul. 1918. Boas Letras. Capa. (poesia). [transcrito no item 6, p. 28]

### **Timbaúba-Jornal, Timbaúba [P840]**

- 85 - Lembranças tuas. ano 4, n. 159, p. 1, 4 jan. 1930 (poesia). [transcrito no item 6, p. 33]
- 86 - A minha doida. ano 4, n. 156, p. 1, 14 dez. 1929. (poesia). [transcrito no item 6, p. 30]
- 87 - Você mesma. 8 mar. 1930. (poesia). [transcrito no item 6, p. 34]
- 88 - Da Nossa Senhora de Paulo Verlaine, ano 4, n. 135, p. 1, 13 jun. 1929. (poesia). [transcrito no item 6, p. 34]
- 89 - Cacilda dos olhos verdes. ano 5, n. 164, p. 1, 8 fev. 1930. [Também publicado no periódico *Vitrine*, Recife, ano 4, n. 15, [s. p.], dez. 1934]. (poesia). [transcrito no item 6, p. 35]

### **Veneza Americana, Recife [P29]**

- 90 - A velhinha do céu. ano 16, n. 38-43, [s. p.], jul. 1955. (poesia). [transcrito no item 6, p. 26]
- 91 - Uma criança ia para o céu. ano 16, n. 38-43, [s. p.], jul. 1955. (poesia). [transcrito no item 6, p. 27]

### **Verde, Recife, ano 1, n. 3, out. 1932 [P32 OR]**

- 92 - A casa do estudante pobre. p. 1. (poesia). [transcrito no item 6, p. 36]

### **Vitrine-Revista Ilustrada e Artística, Recife [P53 OR]**

- 93 - Cultura do Passado [seção]. ano 4, n. 15, s. p., dez. 1941.
- 94 - Eu, também, tenho um filho jornalista. ano 12, n. 19, s. p., abr. 1942. (crônica).
- 95 - A igreja de São Pedro dos Clérigos. ano 12, n. 20, s. p., maio 1942. [Seção Cultura do Passado]. (artigo).
- 96 - Os sacerdotes nos movimentos libertários de Pernambuco. ano 12, n. 20, s. p., maio 1942. [Seção Cultura do Passado]. (artigo).
- 97 - O milagre do amor. ano 17, n. 31, s. p., mar. 1947. (poesia). [transcrito no item 6, p. 35]
- 98 - Rede cheirosa. ano 19, n. 39, [s. p.], nov. 1949. (poesia). [transcrito no item 6, p. 36]
- 99 - As violentas paixões de Castro Alves. ano 24, n. 45, s. p., fev. 1954. (artigo).

### **5.2 Colaboração em obras coletivas**

- 100 - LEMOS, Mariano. *História geral da literatura pernambucana: antologia. Poetas da Academia (séculos XVI-XX)*. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1955.
  - 101 - Feliz de ti que ainda choras. p. 159.
  - 102 - De conformidade comigo. p. 160.
  - 103 - Para você mesmo, Esdras. p. 161.
  - 104 - Ai de nós. p. 162.
  - 105 - Itinerário de meus sapatos velhos. p. 163.
- 106 - NASCIMENTO, Luiz do. *O Recife pela voz dos poetas*. Recife: Prefeitura, Secretaria de Educação e Cultura, Conselho Municipal de Cultura, 1977.
  - 107 - Alguém assobiou dentro da noite... p. 87.

### **5.3 Tradução**

- 108 - ZAMACOIS, Miguel. A pérola perdida. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 19, p. 3; 5, 1924. [P952 OR]
- 109 - Uma página de Baudelaire. *A Pilhéria*, Recife, ano 5, n. 189, p. 20, maio 1925. [P830 OR]
- 110 - Não importa! *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 64, 24 jul. 1926. (Tradução dos Cânticos Eróticos do Oriente). [P952 OR]
- 111 - MONTERDE, Francisco. Fadiga. *P'ra Você*, Recife, ano 1, n. 16, p. 11, 1930. [P954 OR]
- 112 - LEOPARDI, Jabos. A mim mesmo. *P'ra Você*, Recife, ano 3, n. 32, p. 3, 1933. [P954 OR]
- 113 - Dois cultores de música no sentido clássico (tradução de Esdras Farias). *Rua Nova*, ano 10, n. 17, s. p., dez. 1940.

#### 5.4 Obras sobre ou dedicadas a Esdras Farias

- 114 – Esdras Farias. *A Pilhéria*, Recife, ano 3, n. 87, p.10, 1923. [P830 OR]
- 115 – SIMPLÍCIO JÚNIOR. Futurismo... e etc.... *A Pilhéria*, Recife, ano 3, n. 94, p. 14, 1923. [P830 OR]
- 116 – [Fotografia de Esdras Farias]. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 51, p. 21, 1926. [P952 OR]
- 117 – ASSUNÇÃO, Pereira de. O velho portão. Dedicado a Esdras Farias. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 54, p. 14, 1926. [P952 OR]
- 118 – Personalidade. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 67, p. 11, 1926. [P952 OR]
- 119 – Portella, Annibal. Da volubilidade das mulheres. A Esdras Farias . *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 45, 27 fev. 1926. (poesia). [P952 OR].
- 120 – Sá, Stênio de. O lampeão solitário d'aquela rua pobre... Ao Esdras Farias. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 55, 22 maio 1926. [P952 OR]
- 121 – CUNHA, Altamiro. Mãe preta. Dedicado a Esdras Farias. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 59, p. 13, 1926.
- 122 – OLIVEIRA, José Luis de. O Castello de sonho que eu edifiquei na cidade da ilusão. Para Esdras Farias (poesia). *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 64, 24 jul. 1926. [P952 OR]
- 123 – O livro de Esdras Farias. *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 71, p. 13, 1926. [P952 OR]
- 124 – LIMA, Nenzinha de Azevedo. Esdras Farias – uma personalidade curiosa. *Vitrina*, Recife, ano 11, n. 18, s. p., dez. 1941.
- 125 – O imortal Esdras Farias. *Vitrina*, Recife, ano 16, n. 30, s. p., dez. 1946.
- 126 – ASSUNÇÃO, Pereira de. Esdras Farias, um poeta descrente. *Almanaque do Recife Lítero-Charadístico*, Recife, p. 187-188, 1966. [P64 OR]

#### 5.5 Depoimentos de amigos

##### ESDRAS FARIAS

Célio Meira

Há um ano, precisamente, a 29 de abril de 1955, num planalto risonho da cidade de Olinda, a morte derrubou Esdras Farias. “Madrugador jovial”, como a patativa do Nordeste, estava o poeta no seu jardim, capinando os canteiros.

As aves ainda louvavam a Divindade, nos cânticos da manhã.

Boêmio e seresteiro, funcionário público aposentado, jornalista, e poeta de “Caderno de um descrente” perdera, na maturidade, a alegria de viver. Envenenara-se, na juventude, com as idéias dos poetas satânicos. Amava Verlaine. Exaltava Gérald de Nerval. Louvava Edgar Poe. Dizia-se, pelo destino malvado, irmão de Baudelaire. Às vezes, porém, rezava nas horas aflitas. Pobre de

moedas, era, na Academia Pernambucana de Letras, o mais humilde de nossos companheiros.

Durante quarenta anos, tecemos o fio da amizade. Apertamos as mãos, pela primeira vez, em 1916, quando Guedes Alcoforado e eu fundamos a Academia de Letras dos Supersticiosos, com 13 cadeiras, na Vitória de Santo Antão. Ao sedalício matuto pertencera Esdras Farias. Coube a mim a dolorosa tarefa de transmitir o adeus da Academia, à beira da sepultura. Recordei, rapidamente, fases de sua vida, salpicada de angústias, e do soneto – “Até um dia, Doce Amada!” – repeti estes dois versos:

“Ester morreu. Devo lembrar ao mundo  
Qual foi o nome da mulher que amei”.

E acrescentei: – Ester vos espera, no reino das sombras, confiante na vossa promessa, com braçadas de rosas.

Irreligioso sem blasfêmias, incrédulo sem piedade, ímpio sem arrogância, guardara sempre, nas fontes perenes de seu coração, fervilhante de doçuras, o nome de Jesus. Adorava as árvores, as flores, as flores, os rios, as matas, os animais os passarinhos e os insetos. Era capaz de chorar – dissera num soneto – “vendo morto o passarinho”. Esperara as andorinhas – recorda noutro soneto – e, um dia, elas chegaram, “chilreando, de asas cheias dos trancelins da aurora”.

Enamorado dos livros, possuía-os às centenas, com ciúme e carícias de bibliófilo resmungão. Idolatrava Castro Alves, Bilac, Alberto de Oliveira, Ruben Dario, Compoamor, Amado Nervo, Shakeaspeare, Guerra Junqueiro, Antonio Nobre, Dante Alighieri, Leopard e Petrarca.

Dera-se a impressão, nos últimos meses de sua vida, do homem que se preocupava com os mistérios do além-túmulo. Parecia, na meditação e no silêncio, homem tranqüilo, que iniciara a marcha pelo caminho da conversão, acreditando, de novo, na imortalidade da alma, e a repetir os versos que escrevera:

“Eu também fui alguém. Nas outras eras,  
Nos áureos tempos gregos de Platão”.

Morreu como um pássaro, o “Pássaro do Sonho”, de Araújo Filho, num canteiro de seu jardim, na claridade de um sol de primavera.

(Fonte: Academia Pernambucana de Letras,  
em novembro de 2009).

## **ESDRAS FARIAS – UMA PERSONALIDADE CURIOSA**

Nenzinha de Azevedo Lima

Ao falar de Esdras Farias ocorreu-me como sub-título, a epígrafe de um de seus belos sonetos! – *a personalidade curiosa*, que é a sua própria personalidade.

A primeira vez que o visitei encantou-me o ambiente que o cercava; fascinou-me o seu espírito original. Isolado num mocambo, cercado de cacto e papagaios Esdras deu-me a entender que a boemia não morrera: evoluíra, apenas...

Talvez aqueles papagaios, davam-lhe a ilusão de que eram aquelas musas que enfeitam as paredes do seu quarto, que falavam alegremente. Porque os poetas, são os eleitos do Senhor. Podem criar um mundo todo seu; onde trabalha somente a imaginação. Depois, surgiu a campanha contra o mocambo. Sorri da ironia! Ninguém demolirá o mocambo de Esdras Farias. Éle é a torre do seu próprio ideal. É o castelo medieval, das conquistas do seu espírito!

Seu "home" predispõe às fugas da imaginação; aos passeios encantados, onde o pensamento avança despreocupado.

Agora Esdras não é mais um solitário. Os netos substituíram os papagaios, e nos lazes domingueiros ele planta pimenteiras.

Poeta delicioso e original, jamais se preocupa com os símbolos retumbantes. Sua poesia é feita de meias tintas, ora luz, ora penumbra suave e melancólica. Há na construção de seus quadros um mixto de doçura e de simplicidade.

Vejamos o que ele diz, num de seus bonitos sonetos:

"Eram quatro crianças e um cachorro  
E o enterro, pobre, que de longe vinha  
Passava, à tarde, no alcantil de um morro  
Levando o corpo de uma criancinha".

Essa imagem lembra um quadro de Nestor Silva, que tão bem traduz o ambiente da miséria suburbana.

Esdras é assim: vibra, na poesia, um pouco da miséria que o cerca. Faz de banalidades invariáveis, poemas encantadores, fantasiando, adoravelmente, a *chatice* quotidiana. Suas rimas amenizam a tragédia diária mais cruel e dolorosa do que as conseqüentes das grandes aventuras.

Por mais que se esforce em vão não parece um desiludido. Trabalhador infatigável, agora éle nos promete um volume de versos.

– *Meus Deus!* – Quanta coisa exprime essa interjeição! Dôr, miséria, súplica e desalento. Aos que ignoram o sentido exato das coisas, há-de parecer um vocábulo sem sentido.

Talvez receioso de parecer egoísta, apropriando-se assim da personalidade divina, Esdras dividiu o seu livro em 3 capítulos: *O Crepúsculo das Coisas – Palavras de um grão de areia* e *do Efemero e do Eterno*. A vida o tem castigado extraordinariamente, porém a sucessão dos anos não o embotou. Bebe e faz versos. Ri de seus detratores e dos que tentam, em vão, sabotar o seu nome, com a mesma jovialidade dos vinte anos.

Longe das *igrejinhas*, Esdras tem se conservado o sonhador de sempre, ingênuo como uma criança, idealista como um jovem, sereno como um deus, atravessando, incólume, os vendavais e intempéries do seu destino.

É certo que o nosso Esdras não é um santo, um modelo de virtudes convencionais; porém é um original, uma das tradições de Olinda. Sua casa, plantada no cimo de uma ladeira, mais do que uma biografia fala do poeta e de sua personalidade. *O Mocambo Iluminado* é o seu cérebro, onde vibrará

sempre a centelha divina da inteligência, traduzida muitas vezes em páginas como as de *Meu Deus!* livro esse com que ele vai concorrer, no Sul a um prêmio de poesia oferecido pela *Sociedade de Homens de Letras do Brasil*.

(Fonte: *Vitrine*, Recife, ano 11, n. 18, s. p., dez. 1941).

## **ESDRAS FARIAS, UM POETA DESCRENTE**

Pereira de Assunção  
(Niterói – RJ)

Tudo neste mundo tem fim. A carta que escrevemos encerra-se com a assinatura do autor. O livro que lemos tem a sua última página. A viagem que fazemos finda-se quando chegamos ao destino. Tudo quanto teve princípio terá fim. Na viagem que fazemos através da vida, como viajantes transitórios deste vale de lágrimas, nossa marcha chega ao término com outra viagem para o desconhecido. A única que não pára é a vida. Tudo passa, a vida continua.

Essas considerações vêm a propósito de uma notícia que nos chegou de Pernambuco, há algum tempo: o poeta Esdras-Farias, um grande remanescente da velha guarda, ocupante de uma cadeira na Academia Pernambucana de Letras, honrando-a com o fulgor do seu talento, fechou a última página do livro de sua vida neste planeta rumando para a eternidade. O velho poeta, boêmio e incorrigível descrente, não dedilha mais a lira e a sua voz não mais será ouvida cantando belas canções, nascida de magistral inspiração.

Esdras-Farias, nome popular na terra de Nabuco, publicou um único livro a que modestamente intitulou de “caderno” – “Caderno de um Descrente”, nele inserindo apenas cinquenta sonetos escolhidos da sua vasta bagagem de trabalhos esparsos. Cheirando a engenhos e canaviais, a poesia do vate pernambucano nos enche de profunda saudade de momentos que se foram quando vivíamos embebidos na ilusão da mocidade cantando, como ele, pelos subúrbios do Recife, a deslumbrância de um lar inspirador. A morte de Esdras-Farias nos trouxe consternação, de vez que foi ele em tempos distantes nosso companheiro de noites de arte e poesia, muito embora a seu lado sentíssemos a pequenez do nosso mérito diante do ritmo suave das suas rimas ricas e inesquecíveis.

Descrente e obstinado, mas sempre a cantar e a poetar, inundando de poesias as almas enamoradas do Belo, o autor de “Caderno de um Descrente” nos faz reviver, nesta altura, através das páginas já amareladas de sua obra que enriquece a nossa estante, instantes de confortadora recordação, ao mesmo tempo que nossa alma se constringe com a sua partida em pleno apogeu da atividade literária.

A Poesia pernambucana, porque não dizer brasileira, perdeu um de seus grandes cultores. Na grandeza da inspiração que o iluminava, enriquecia as letras nacionais de verdadeiras jóias de arte. Foi um sonetista primoroso, sempre fiel à tradição do verso rimado, não sendo absorvido pelas tentativas modernistas da época.

Finalizando estas rápidas linhas, prestamos nosso preito de saudade ao Esdras-Farias transcrevendo aqui um lindo pedaço da alma descrente e sincera do velho cantor que emudeceu;

### CORAÇÃO PEREGRINO

Ontem, noite de luar. Saí à rua  
sem um destino certo. Esta cidade,  
monótona e trivial, é sempre nua  
de aspectos novos para a minha idade.

Saí em companhia da saudade  
É ela que, muitas vezes, insinua  
que eu espaireça a velha mocidade  
quando, o luar, pelo céu, vago flutua.

Aqui, ali, atôa, rua a fora.  
O coração, sem um deslumbramento!  
Os olhos, tristes como estão agora!

Não acho graça em nada. Tudo vão.  
É a gloria humilde do meu pensamento!  
É a soledade do meu coração!

(Fonte: *Almanaque do Recife Littero-Charadístico*,  
Recife, p. 188, 1966).

### ESDRAS FARIAS

Seve-Leite

Num "mocambo iluminado" ama, vive, sonha e canta o poeta mais singular da Cidade.

Uma vida que se enriquece de detalhes e se plasma, dútil, na argila.

O mármore eterniza uma criação mas estrangula o movimento que humaniza as linhas da face e lhe rouba a vida e a côr.

Um coroplasta modelá-lo-ia melhor tateando a cera do que o estatuário brandindo o camartelo na pedra branca de Paros.

Este homem que as auras suaves não bafejaram o coração, mas a alma vibra de claridade pelos cinco olhos de ponta das estrelas, é todo tocado de ânsias e de impulsos.

E de quietudes crepusculares também.

Não é Job envenenando a vida do desprezo pelo sacrifício inútil da mortificação, transcendendo o messianismo idólatra dos apóstolos.

Não é Fausto transfigurado pela obsessão da eternidade na juventude, clamando pelos céus impiedosos, para se espojar no leito da bacante do drama de Goethe.

Doma-o aquêlre frenesi delirante que os gregos afirmam só haver nos inspirados ou nos profetas.

Mas também não é Jean-Cristophe impersonalizando-se no “não ser nada”, a personagem claudicante de grande livro de Romaim Rolland, que me deram a ler de empréstimo.

Não a gargalhada estrebuchante de Gwymplaine no “Home que Ri”, de Hugo.

Nem a casmurrice do abade Frei Thiago da Purificação Y Rhones.

Ando a tentar, nas pobres comparações, descobrir a alma do poeta do “Caderno de um Descrente”.

Nessa espécie de cantochão descoordenado vivem a vida, a alma, os lamentos, as angústias e as difíceis e raras alegrias do poeta.

Não há nele o desespero fulminador das tragédias. Mas há sombras tonalizando as formosas páginas do claro-escuro de um dia que morre de sopetão, como um cardíaco.

E os alentos – tão poucos! – se diluem nos esquivos atalhos que se perdem no caminho sem largueza do poeta iluminado.

Esculápio andou apalpando os rins e sentindo as batidas do coração, envenenando a alma e pondo azougue nos nervos já apoquentados de Orpheu.

Entre os mortais da “Academia Mozart”, há um médico e um farmacêutico.

– Uma ambulância ao Esdras, prá que se venha curar de todo entre as amigas cigarras, doidas, a sua espera, prá desatarem o canto de sua ressurreição!...

(Do livro “Mozarteano”, Recife, 1952.  
Fonte: Academia Pernambucana de Letras)

## 5.6 Fotografias e Caricatura



Fonte: *Anuário de Pernambuco para 1936*, Recife, p. 17.



Fonte: *Vitrina*, Recife, ano 16, n. 30, dez. 1946. Caricatura de J. Rodrigues.





GRUPO DE ACADÊMICOS NO DIA DO CINQUENTENÁRIO [da Academia Pernambucana de Letras ]

Sentados (da esquerda para a direita): Edwiges de Sá Pereira, Mário Melo, Célio Meira, Valdemar de Oliveira, Araújo Filho, Austro-Costa, Costa Rego Júnior, Hermógenes Viana.

De pé: Paulino de Andrade, C. Xavier Pedrosa, Mariano Lemos, João Aureliano, Jerônimo Gueiros, Fernando Mota, Gilberto Osório, Oscar Brandão, Lins e Silva, Barreto Campelo, Nestro Diógenes, **Esdras Farias**.

Fonte: *Revista da Academia Pernambucana de Letras*, Recife, ano 1, n. 1, 3ª fase, entre as p. 132-133, dez. 1951.



Os três grandes da poesia acadêmica - Israel Fonseca, Austro Costa e Esdras Farias, ao centro, - por ocasião do aniversário do último, em novembro de 1947.

Fonte: *Presente de Natal*, Recife, p. 37, dez. 1953.



Fonte: *Presente de Natal*, Recife, p. 59, dez. 1953.



Fonte: *Presente de Natal*, Recife, p. 68, dez. 1954.



Fonte: *Anuário Cooperativista*, Recife, 1954



Fonte: *Veneza Americana*, Recife, ano 16, n. 38-43, jul. 1955.



Capa do livro de Esdras Farias.  
Fonte: Academia Pernambucana de Letras



Esdras e Elsa, filhos de Esdras Farias.  
Fonte: *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 51, p. 21, 1926.



Edison de Farias, filho de Esdras Farias. Fonte: *Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 59, p. 10, 1926

## 6 CADERNO DE POESIAS

### ***A Velhinha do Céu***

E' uma expressão plebéia, expressão tola  
 “Caco de Mãe”. No entanto, quanta graça  
 ao entardecer do seu olhar esvoaça  
 no seu rosto de angélica e papoula.

Quer dizer que, na vida, tudo passa  
 na voz dos fithos. Ninguém vai supô-la  
 uma bruxa de olhar de lantejoula  
 onde a velhice anda a espalhar fumaça.

Caco de Mãe! Feliz de quem sozinho  
 nas torvas emboscadas do caminho  
 de sua vida, onde demais sofreu,

morrendo à míngua à luz de algum candieiro  
 viu, soluçando, no seu travesseiro,  
 o caquinho de Mãe que Deus lhe deu!

(*Veneza Americana*, Recife, ano 16, n. 38-43, jul. 1955)

### ***Uma criança ia para o céu***

Eram quatro crianças e um cachorro.  
 E o entêrro, pobre, que de longe vinha,  
 passava, à tarde, no alcantil de um morro,  
 levando o corpo de uma criancinha.

Uma das crianças sustentava um gorro.  
 E, talvez, com saudade da irmãzinha,  
 ia enxugando as lágrimas no fôrro  
 como dizendo: “Que saudade, a minha!”

Para quem tem filhos, um entêrro assim,  
 que até chegou a enternecer um cão  
 e faltou gente pra levá-lo ao fim

já viu que, neste mnndo em que respira,  
 a ventura do céu é uma ilusão,  
 a bondade da terra é uma mentira.

(*Veneza Americana*, Recife, ano 16, n. 38-43, jul. 1955)

### **Recordando-a...**

Um dia (bem me lembrol!) em uma carta escripta  
entre outras cousas, disse: – hás de esquecer de mim.  
Tudo isso que te faz uma mulher bonita,  
Em breve perderei, em breve terá fim.

“Não. Esdras! Não terás. Para tua desdita  
eu não te esquecerei, jamais. Não quero, assim,  
pondo termo a este amor fazer-te a alma proscripta,  
despresar-te, deixar-te, esquecer-te por fim.”

Hoje, tudo esta findo. Esqueceste-me. Emtanto  
eu me conservo ainda a te amar loucamente  
como é possível, crê, na vida se amar tanto.

Vê, pois o que eu te disse em minha carta outrora!  
Vê, pois, quanta verdade existe, minha Ausente,  
no soneto de dôr que me inspiraste agora!

(A Serra, Timbaúba, ano 6, n. 276, 1º jun. 1918. Capa).

### ***A mercê da tarde***

Tarde calma. Tristeza era toda a tarde. Na alma,  
agora, escondo, sinto um mysticismo dôce  
ao angelus que chora, e ao dia que se acalma,  
que a tarde, sempre assim, quizera eu que fosse.

De azas serenas vem a noute: é uma ave – espalma  
as azas de velludo... E o entardecer finou-se...  
Morre a tarde tão cedo!.. E ao longe, se ergue, calma,  
serenamente triste, a lua nova em fouce.

Esta tristeza assim me commove...Anoutece...  
Que silencio de morte o dia, a anoutecer,  
deixa, fluctuando no ar, quando desaparece!

E eu, de minha janella, a scismar vagamente  
comparo essa tristeza a que anda em meu viver  
interruptamente... inconsolavelmente...

(A Serra, Timbaúba, ano 6, n. 283, 20 jul. 1918. Capa)

### ***Creatura angelica***

As magnólias daqui dizem que vaes partir...  
 Não é possível... Eu sei que me não deixarás.  
 Já não posso viver sosinho... Não has de ir,  
 E se fôres talvez que eu nem te queira mais.

Em tua mão de rosa e perola de Ophir  
 Minha felicidade inteira encontrarás,  
 Este gracioso anel de aliança que, a sorrir,  
 Te dei num dia assim de azul, de ouro e lilaz.

Ah! Não me deixes só! Perdido em tua ausência!  
 Ficarei, por ahi, seccando, no abandono,  
 Como o heliotropio na haste a lhe fugir a essência...

Não partirás. Minha alma e a tua são irmans,  
 Ó minha delicada andorinha de outomno.  
 Que ias voar sob o sol de outras lindas manhans!

(A Serra, Timbaúba, ano 4, n. 189, 30 set. 1916. Capa).

### ***A luta pelo nome***

Si sou alguma cousa, a mim somente devo.  
 Estudei para ser apontado entre os mais.  
 Ler para mim é tudo; e o meu maior enlevo  
 A gloria de entender as obras immortaes.

Vivo assim como vive uma folha de trevo,  
 Tombada ao pôr do sol entre flores joviaes...  
 Minha vida é a mais triste entre todas! Escrevo  
 Conforme a minha dor, conforme os meus ideiaes.

Mas, afinal, que sou? – alguém que de anthropoide  
 Subiu á perfeição maxima de homem forte  
 Pelo excelso poder de um espermatosoide.

E o que foi que eu aprendi, dentro da vida, em summa?  
 – A verdade feliz de até na hora da morte  
 Ter a certeza cruel de não ser cousa alguma.

(A Serra, Timbaúba, ano 4, n. 191, 14 out. 1916. Capa).

### **Os ossos do artista**

Palpando os ossos meus no interior da pelle,  
Scismo em quando morrer, penso na vida muda.  
Pensar é sempre bom quando a razão impelle  
A um necessário fim o homem que adora Budha.

Que hoje o bem de viver meus ossos sentinelle  
Quando o meu coração em ancias se sacuda  
Eu desejo ser poeira ... areia que revele  
Imprestabilidade... uma existência meúda.

Seja-me a hora final como são as dos brutos:  
Sem consciência de ser, sem sonhos de conquista,  
Nesse tédio geral da arvore que deu frutos.

A gloria de ser pó, é o que me attrae. Depois  
Não importará ao Ex-Ser que os meus restos de Artista  
Alvejem por ahi como os ossos dos bois.

(A Serra, Timbaúba, ano 2, n. 90, 7 nov. 1914. [p. 2].)

### **A minha doida**

Não ter juízo é a história mais tocante  
de sua alma romântica e estouvada,  
por isso, mais se faz a desejada  
e mais se faz mulher e minha amante.

Falando nella eu nem sei mais de nada.  
Transfigura-se-me a alma... O meu semblante  
toma a figura espiritual de Dante  
quando ouvia falar na bem Amada.

Ella é assim mesmo doida, eu não sou menos.  
Não sabe o que é que quer... põe-se a chorar  
maguando uns olhos que eram tão serenos!

Ella é original, eu sou também.  
Ella abre os braços para me estreitar?  
Eu fecho os olhos para vê-la bem.

(Timbaúba-Jornal, Timbaúba, ano 4, n. 156, p. 1, 14 dez. 1929).

### ***Peregrinação sentimental***

Uma história de amor começa, muitas vezes,  
por um nada, um capricho tolo, qualquer coisa  
O nosso foi assim... coisa de poucos mezes...  
eu era a luz traiçoeira e tu a mariposa.

Um capricho, pois não. Um motivo de lume  
A crepitar em nossos olhos sonhadores:  
– Gostas de mim? Olha, de tudo eu tenho ciúme!  
– Gosto, sim. – respondeste a me tecer louvores.

Sob o luar. O silencio, a vagar, subtilmente,  
dentro da hora a fugir devagarinho, mansa,  
cercava-me a figura triste e inteligente  
e embebia de luar teu coração de creança.

Uma vida sem par de dois moços românticos.  
A vida, que importava a vida que passava,  
Se iam murmurando o cântico dos cânticos  
e o amor, vivido assim, mais nos aproximava?

Caprichos de mulher, – motivos de beleza  
capazes de inspirar os meus estranhos versos..  
Eu vivia encantado em tua natureza  
feito um hymno de amor de prelúdios diversos.

Tu eras de uma meiguice incomparável, linda,  
encantada commigo, suave, espirituosa.  
Não me lembro ter visto em meu destino, ainda,  
uma creatura assim, tão meiga e tão formosa!

Um delicioso tempo, inteiro, consagrado  
á essa delicadeza ideal da inspiração,  
entre as canções de um coração apaixonado  
e uns quatorze annos ainda em plena floração.

Porém depois nós vimos a fragilidade  
de crystal, que era o amor, que floriu entre nós.  
Foste embora. Levaste a tua mocidade.  
Fiquei a lembrar o desenlace atroz.

E quem foi que no mundo vago, que eu palmilho,  
me deu noticias tuas, numa tarde fria,  
numa noite qualquer de crystalino brilho  
que viesse envaidecer a minha nostalgia?

Ninguem soube dizer se tu levaste fim,  
se eu deveria guardar tua recordação.

.....  
É isso mesmo. Um capricho a menos para mim,  
um desalento a mais para o meu coração.

(*Anuário de Pernambuco*, Recife, 1935. p. 263).

### ***Eu, na Procissão das Almas***

Tenho medo da glória. De que serve  
a glória da província, em minha idade?  
Desdenho-a. E o que é melhor, que se a reserve  
para o poeta maior que há na cidade.

Porque a minha arte não é vulgaridade.  
Faço-a para que o tempo me conserve,  
como na sua personalidade  
borbulha o sonho e o pensamento ferve...

Na procissão das almas dessas ruas  
tornam-se vãs, insípidas e nuas  
as fontes interiores do saber.

E antes eu renegasse em altos brados  
Aos três ou quatro versos inspirados  
Que um dia eu fiz para a cidade ler.

(*Anuário de Pernambuco*, Recife, 1936. p. 17.  
5ª sessão: História e Literatura).

### ***Por essa estrada de Damasco***

... e para ser um homem, concorrer  
com o meu carácter e o meu coração  
para, lealmente, conquistar, vencer  
no caminho por onde todos vão;

que utilizei as forças do meu ser  
distribuindo aos famintos o meu pão,  
dei minha água aos sedentos a beber  
e a todo homem chamei de meu irmão;

eu, o homem solitário: eu, o transviado;  
eu, o limpo de culpa e maldades,  
por quanto fiz fui mal recompensado.

Vi minha glória de ser bom perdida.  
Na crueira de minhas amizades,  
Na concorrência desleal da vida.

(*Anuário de Pernambuco*, Recife, 1936. p. 17.  
5ª sessão. História e Literatura).



### ***O que eram, no passado, os meus amores***

Só porque eu era pobre, não podia  
 lhe dar o que ela me exigir quizesse  
 e tanto o fez, pudesse eu ou não pudesse  
 o que uma outra jamais o exigiria;

Só porque eu era pobre, sem valia,  
 como uma estrela que desaparece  
 ela, que não tinha alma e antes tivesse,  
 à luz desse crepúsculo partia.

Só porque eu era pobre, não tentava  
 possuir outra riqueza, porque amava  
 seus claros olhos espirituais;

Suas mãos, seus cabelos quase louros,  
 ela furtou de mim esses tesouros,  
 só porque eu era pobre, nada mais.

(*Anuário Cooperativista*, Recife, [s. p.], 1954).

### ***Não pode ser***

Fê-lo provar de todos seus venenos  
 Abriu, de par em par, meu coração,  
 um beijo, assim, de “até um dia” não.  
 Pelo bem que eu lhe fiz não tive, ao menos.

Vi-a como se fosse uma ilusão  
 em todos seus detalhes mais serenos.  
 Foi-se embora, fugiu dos meus pequenos  
 dias de tédio e de meditação.

E esta horrível saudade a me doer!  
 Que tortura infeliz! Nossa Senhora!  
 Triste lembrança eu tenho dela, agora!

Murmurou o coração: – Não pode ser  
 diz-me a razão: – Esquece essa infeliz  
 Mas, em paga de tudo que eu lhe fiz.

(*Anuário Cooperativista*, Recife, [s. p.], 1954).

### ***Lembranças tuas***

Venturas de viver certas lembranças.  
Ao entardecer costumo ir, sem ruído,  
com o som da sua fala em meu ouvido  
sonorisando as suas cordas mansas.

Dos meus sentidos és o meu sentido  
melhor; tu és em tudo como as creanças  
simples nas ilusões, nas esperanças,  
na humildade das rendas do vestido.

E fui pensando em ti. Cahia a tarde  
mansa, infinita, nas canções eternas  
do dia triste em que eu ia sosinho,

sóbrio e vago como Leopardi  
matando as horas, estirando as pernas,  
desenterrando sonhos no caminho.

*(Timbaúba-Jornal, Timbaúba, ano 4, n. 159, p. 1, 4 jan. 1930).*

### ***Você mesma***

Você, creatura boa, é misteriosa e bella.  
Antes assim, porque eu o sou também. Não vê?  
E è por isso que eu gosto immenso de você,  
Creatura boa, espiritual, meiga, singela.

Eu gosto porque gosto e sem saber porque.  
È cheia de recato, é cheia de cautela;  
Tão pobre que me faz que eu goste muito della  
E só por isso, só por isso ninguém crê!

Que importa! É um amorzinho novo, de alguns dias.  
Veio assim sem querer, do céu, lindo, fluctuando  
caricioso, subtil, por suas mãos macias.

Veio assim, sem querer, e entre nós está.  
São cousas de quem ama e de quem vive amando  
e não tem que dizer até quando o será.

*(Timbaúba-Jornal, Timbaúba, 8 mar. 1930).*

### **Da Nossa Senhora de Paulo Verlaine**

O anjo da tarde desceu do céu  
e esparziu muitos lírios no ambiente azul da tarde.  
Aromas subtis de heliotrópio, violetas e magnólias  
encheram o crepúsculo de uma suavidade doce.  
Tranquillamente mansas, as estrelas accendiam os círios eternos.

Nesses crepúsculos de outomno  
não há quem não veja a alma de Verlaine divagando pelo mundo,  
ora em perfume, em nuvem, em estrella, no som agoniado de um violino.  
A alma do pobre velho,  
que a miséria ridicularisou até a morte.  
Diz, na contricção de seus versos, toda a paixão de sua alma:

– “Senhora”, eu fui a espiritualidade do pecado;  
a grande paixão mystica do mundo dentro de um verso;  
eu vos quis com os meus profundos olhos amorosos;  
beijo vossos lábios eternos com o furor doente de um bêbado;  
aninhei-vos no santuário de meus versos de erotismo suave;  
gritei para as gerações espirituaes que éreis a minha noiva e éreis a minha amada.  
No hospital vos encontrei em doce irmã de caridade, compadecida da minha desgraça;  
e foi ali que eu morri nos vossos braços, chorando.

Senhora, perdôae as ridicularias do pobre velho!  
Que os pensamentos de minha arte eram puros,  
puros como eram meus sonhos  
e apenas de sonhos semeei o caminho da minha celebridade!

Senhora: perdôae as ridicularias do pobre velho!  
As minhas intenções eram puras: as minhas convicções eram boas,  
e foi por isso que eu semeei lírios eucharísticos no vosso caminho de estrelas!  
Senhora, o pobre velho não poderá subir ao céu sem o allivio de vosso perdão.

– Eu te perdôo, Verlaine.  
Tu não foste mais do que a natureza-morta do peccado original.  
O que de mim quizeste o que em mim buscaste  
Foi apenas o sonho mystico do mundo,  
o apasiguamento das almas e a tranqüilidade das vidas.  
O teu sonho foi apenas o sonho que eu sonhei;  
para Jesus  
Meu Filho!

*(Timbaúba-Jornal, Timbaúba, ano 4, n. 135, p. 1, 13 jun. 1929).*

### ***Cacilda dos olhos verdes***

Cacilda tem uns olhos encgraçados.  
Interessantes, lindos, velludosos,  
singularissimamente esverdiados,  
e espiritualmente luminosos.

Tem parceis verdes nos seus tons maguados  
e abysmos de esmeralda esplendorosos;  
galhos de urtiga branca macerados  
em nardo verde, em filtros capitosos.

Tem cobras verdes do sertão do norte.  
Tem guriatãs, tem gralhas, periquitos,  
Murta de cheiro de odorancia forte.

Tem visagens, encantos, passarinhos,  
tem as caiporas de olhos esquisitos  
que enfeitiçam o verde dos caminhos.

*(Timbaúba-Jornal, Timbaúba, ano 5, n. 164, p. 1, 8 fev. 1930. [Também publicado no periódico Vitrine, Recife, ano 4, n. 15, [s. p.], dez. 1934].*

### ***O milagre do amor***

Padecer por alguém não é padecer.  
O coração está iluminado.  
Porque se foi, um dia, desgraçado  
Sentindo o amor ficou a resplender

Particular encanto de viver!  
Sofrendo, embora, não é atormentado  
de venturas e sonhos encantados  
na intimidade de teu próprio ser.

Amar-se a alguém assim já vale a pena.  
Anda-se a rir tão cheio de carinhos  
numa atitude olímpica e serena.

Ele é a glória e a perdição das raças,  
Padecendo por todos os caminhos,  
Renascendo de todas as desgraças!

*(Vitrine, Recife, ano 17, n. 31, [s. p.], mar. 1947.*

### ***A casa do estudante pobre***

Sou amigo do Sol. Amigo e mestre  
vivem, sabe o deus Pan desta paragem,  
em bem franca e leal camaradagem  
na solidão campestre

Às vezes, pés descalços, sem chapéo,  
de camiseta curta, descuidado,  
eu acordo os canários do povoado,  
sob às vistas do mestre, lá do céu

Faço os meus exercícios, manhã cedo.  
Ginástica de tórax e pulmões,  
duchas de luz pela alma, contorsões,  
pendurado nos galhos do arvoredo

A fortaleza de animo que eu tenho  
devo-a a meu Mestre, assim que me levanto  
de nervos bambos, flácidos, de tanto  
esforço, no labor em que me empenho

Sou um pobre estudante cuja casa  
é uma árvore rendada á luz do sol  
moço que não tem pão, não tem lençol,  
cujo destino é um vôo incerto de aza.

A teoria galante do perfume,  
Silabas policromicas das flores,  
borboletas, vermelhos esplendores  
das papoulas, erguendo-se do estrume;

todo este ar puro do arrabalde quieto,  
distante, ausente da cidade, ausente  
do ruído urbano que me torna doente  
e uma cousa menor do que um inseto.

A botina, a gravata e o colarinho  
que se vão para o inferno, por favor  
Sou, das terras do sol, o agricultor  
intelectual da gestação de um ninho

Esta vontade doida de estar só  
com o Mestre os braços nus, tórax forte,  
como em verdade, um rapagão do Norte  
que, sendo luz, ao mesmo tempo é pó.

Não troco o meu povoado na distancia,  
o céu azul, sol de ouro, ar sempre puro,  
por aquela aventura sem futuro  
de andar liso e bancar muita importância.

Meu velho Sol, meu professor agreste  
que eu só posso viver nesta paragem  
dê-me o verbo de luz que há na paisagem,  
sob os cuidados do meu velho mestre.

É. Eu quero viver por aqui mesmo  
dentro do mato ausente, bem distante,  
da cidade ruidosa, andando a esmo,  
na minha eterna vida de Estudante.

(*Verde*, Recife, ano 1, n. 3, p. 1, out. 1932).

### ***Rede cheirosa***

Suponhamos que a casa em que tu moras  
fica num trecho de arrabalde. Tu  
numa rede bonita, entre dez horas,  
cheirosa de benjoim e cumaru.

Nas mangueiras, nos pés de mulungú,  
as cigarras; no alpendre, passifloras,  
casinha colonial onde o bambu  
dê sombra à multidão de aves canoras.

Não quero mais. Meu sonho é assim pequeno:  
uma rede cheirosa aconchegando  
o teu corpo de mármore moreno.

Neste painel campestre, feito à mão,  
espero-te, sorrindo, há não sei quando,  
e há não sei quando é que te espero em vão.

(*Vitrina*, Recife, ano 19, n. 39, [s. p.], nov. 1949).

### ***O coração de um pobre pae amantíssimo***

Na triste condição de minha vida, eu vejo  
nas casas ricas mil brinquedos pelo chão;  
porém meus filhos (e cada um merece um beijo!)  
não tem brinquedos nem bonecas, não tem não.

E vem dahi que as minhas lagrimas, então,  
me vem aos olhos num estranho reumorejo,  
mixto de desespero, aneio e adoração,  
gemidos de violino e gritos de realejo.

Ai, eu sou uma flauta bohemia em si menor!  
Aneio ser feliz. Minhas surdinas, trago-as  
nos meus filhos: por isso é que elles são tristonhos...

Eu sei, como ninguém, a dôr toda de côr:  
as valsas tristes de Chopin de tantas maguas,  
as cavatinas de Mozart de tantos sonhos!

(*Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 63, p. 28, 1926).

### ***Uma restea de sol corporisada***

Linda, mas fútil: maneirosa e leve.  
Pequena, esbelta, sonhadora e mansa,  
na modista, não sabe quanto deve,  
nem a conta, na venda, a quanto alcança.

Anda aos saltinhos. Tem o passo breve.  
É um TALVEZ... é um QUEM SABE...é uma esperança.  
Cae, pelo seu pescoço cor de neve,  
O louro cacho da pequena trança.

Quem é? Quem sabe lá! É uma pessoa...  
É uma mulher que veste bem, em summa,  
de olhar ligeiro e de apparencia boa...

Julgo-lhe o typo num conceito franco:  
É um pouco de ar... é a mulher de hoje... é um  
vestido leve num corpinho branco.

(*Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 68, 21 ago. 1926)

### ***Uma restea de luar que se fez mulher***

Menina e moça, tentação do mundo.  
 Não me olhes tanto, pelo amor de Deus!  
 Pois, só eu sei sentir quanto é profundo  
 O fogo brando desses olhos teus.

E o fogo, que me queima, é tão fecundo  
 Que, aos cinerios carvões dos olhos meus,  
 Amor se aquece, como o vagabundo  
 Ao calor dos lampiões, os olhos seus.

Senhorinha Senhoras das camisas  
 Cheirosas! Flor da graça, exposta á venda  
 No mercado das ruas onde pisas!

Biscuit de carne entre amorosos furtos...  
 Dona-Menina dos calções de renda,  
 Bebê-Senhora dos cabellos curtos!

(*Rua Nova*, Recife, ano 2, n. 68, 21 ago. 1926)

### ***O cuidado de ser triste***

Porque ser triste como eu sou? Dir-se-ia  
 que há hereditariedade na tristeza?  
 Que prazer a alegria não seria,  
 para quem tem tão triste natureza!

Ah! O gesto ineffavel da alegria!  
 É uma aza fugitiva da incerteza!...  
 Quizera eu que esta melancholia  
 só me viesse da glória e da pobreza.

Mas não, não vem; não é assim: esconde  
 os trillos de canário, e foge, e insiste  
 em se esconder de mim não sei por onde...

Ser sempre alegre, é o que eu quizera ser,  
 ter, por sobre o cuidado de ser triste,  
 o sereno descuido de o não ter...

(*Jornal do Commercio*, Recife, 4 abr. 1920. p. 5)

### ***O encanto das paredes***

As paredes dos prédios, dos prédios, do outro lado  
Da rua estão em sombra... Felizmente!  
E eu que sou, como a sombra, um apagado  
Procuro-a, aos prédios, instintivamente.

Não quer á luz do sol um ignorado.  
Assim faz o réptil, faz a serpente:  
– passa no seu destino malfadado,  
Distrahidamente, silenciosamente.

Sosinho, cabisbaixo, ermo, tristonho,  
A um prédio em sombra estendo-me em raízes  
Fecundando os pomares do meu sonho...

Do que isso, nada mais posso fazer,  
Porque eu sou um daquelles infelizes  
Que andam sempre assustado de viver.

(*Jornal do Commercio*, Recife, 4 abr. 1920. p. 5)d

### ***Cheia de graças***

Tens os olhos azues. Depois, leve, franzino,  
tal se possível fosse um vime andar, assim,  
agora ao entardecer, teu vulto pequenino,  
rescendendo a catleya ao luar, passa por mim.

Subtil irradiação, quase um fulgor divino,  
fulge pela tua alma e pelo rosto, emfim:  
e desde o teu cabelo ao pé gracioso e fino,  
há uma excelsa nudez de estatua de marfim...

Uns segredos de azul em teus olhos descubro:  
o misticismo doce, a serena tristeza  
que há nas mahans de Maio e nas tardes de Outubro.

Passas... e atraz de ti florescem os caminhos...

Mariposas subtis de azas de ouro e turqueza  
Noticiam-te a vinda aos passaros nos ninhos...

(*A Serra*, Timbaúba, ano 4, n. 194, 4 nov. 1916).



### ***Borboleta azul***

... para os teus olhos que morreram chorando.

A borboleta viu que era luz, e graciosa,  
de azas de céu pelo ar níveo, diaphano, pando,  
para o eflúvio da vela a se elevar, formosa  
veio, volteou em torno e aproximou-se voando.

Se outro a visse diria estar vendo uma rosa  
de pétalas azues sobre espumas fluctuando;  
e, ao seu voejar subtil de borboleta anciosa,  
pensei nos olhos teus que morreram chorando.

Que saudade do mar me trouxe hoje essa bohemia!  
poetisa do silêncio a voar no ermo em que o brado  
lembra a creatura extincta e a vê na cova e teme-a...

Horas mortas... A noite é fria e triste... enquanto  
ao vô da aventureira em meu retiro pardo,  
a saudade da morta anda por todo canto...

(*A Serra*, Timbaúba, ano 4, n. 197, 25 nov. 1916).

### ***Nos velhos montes olindenses***

Lá me vou eu sozinho monte em fora.  
Somente a minha sombra não me deixa.  
Nunca ouvi de seus lábios uma queixa  
por esses meus trenoites fora de hora.

Quanto mais eu lhe digo vá-se embora,  
deixa-me em paz é que ela mais se vexa  
atrás de mim; se a mente mais se fexa  
em passos miúdos como vai agora.

Mas, chega o luar! Nossa Senhora! É um anjo  
como a espada de São Miguel Arcanjo  
brilhando sobre os velhos campanários.

E eu me concentro nos meus pensamentos  
contornando pardieiros e conventos  
nos meus longos passeios solitários.

(*Anuário de Olinda*, Olinda, ano 5, n. 5, p. 35, dez. 1951).

## **Velhas Barcaças**

Hoje vocês são novas,  
são bonitas,  
como, também, nós fomos no passado;  
– COMIGO É ASSIM,  
MISSA NOVA  
E ALEGRIA DE ITAPISSUMA.  
Os nossos nomes eram gostosos  
como cuscús de mandioca  
e, tão gostosos, como caldo-de-cana.  
Trafegávamos cocos de Maragogi,  
e a palha de Itapissuma,  
o sal de Itamaracá  
e o assucar de Barreiros.

Hoje, vocês são novas,  
porem o que nós fomos, no passado,  
é o que vocês não são,  
porque lhes falta sempre a graça  
do ambiente colonial,  
e a garridice do velejar do vento que nos levava litoral  
em fora,

em pleno céu e mar de nossa terra.  
E havia em tudo aquilo,  
e havia em todos nós  
certos encantos de moças  
que estão já prontas para casar cedo  
e os pais e o noivo adiam, maliciosos,  
o casamento para logo mais.

Hoje, vocês, meninas,  
estão um pouco americanizadas.  
Parece até que usando meias-curtas,  
cruzando as pernas quando vão nos bondes  
e fumando cigarros pelas ruas,  
ou, num melhor conceito de vocês,  
– tipo hiate, veleiros que panejam  
por diferentes mares  
sem o carinho bom do sol dos trópicos.

Nós, no entanto, não deixamos  
de ser sempre o que fomos noutros dias  
– as mocinhas joviais de nossos jovens marinheiros  
bronzeados pelo ar  
tostadinhos do sol das grandes praias,  
que marginam a costa brasileira.

Como as damas de outrora,  
as senhoras fidalgas de outros tempos,  
que ainda vivem, brasileiroamente,  
do orgulho e a tradição de sua época,  
assim nós ainda somos e vivemos  
– Matronas das Barcaças Gloriosas  
que carregaram ilusões e sonhos  
das gerações passadas –  
mas, sempre olhando com piedade prá vocês  
garotas sem juízo  
a bancar importância em nossos cais.

## 7 ÍNDICE

- À mercê da tarde 84  
 A mim mesmo 112  
 Ai de nós 104  
 Ainda há presépio 15  
 Alguém assobiou dentro da noite... 107  
 Apontamentos de um Dr. De Boi 65  
 Aquele velho professor de línguas da Rua Aurora 209 61  
 Assunção, Pereira de 117, 126  
 Barléus 35  
 Borboleta azul... para os teus olhos que morreram chorando 82  
 Cacilda dos olhos verdes 89  
 caminheiro do esquecimento vai ao encaço do tempo e da beleza, O 1  
 casa do estudante pobre, A 92  
 castello de sonho que eu edifiquei na cidade da ilusão, O. Para Esdras Farias  
 122  
 cavalheiro da vida sem nome, O 40  
 cego da beleza, O 56  
 Cheia de graças 81  
 Cidade em flor. Sobre Cesário Verde 55  
 Cinco minutos de silêncio no túmulo de Hermes Fontes 31  
 colosario dos últimos desgostos, O 48  
 coração de um pobre pai amantíssimo, O 72  
 Coração peregrino 2  
 Criatura angélica 79  
 Criatura misteriosa [Criatura misteriosa] 41  
 criança ia para o céu, Uma 91  
 cuidado de ser triste, O 12  
 Cultura do Passado 93  
 Cunha, Altamiro 121  
 Da Nossa Senhora de Paulo Verlaine 88  
 Da volubilidade das mulheres. A Esdras Farias 119  
 De conformidade comigo 102  
 Dois cultores de música no sentido clássico 113  
 Domingos Fernandes Calabar não foi um traidor 45  
 Duas linhas para Mlle. B.F. 54  
 encanto das paredes, O 13  
 Esdras Farias 114  
 Esdras Farias – uma personalidade curiosa 124  
 Esdras Farias, um poeta descrente 126  
 Estudantes 22  
 Eu, na Procissão das Almas 8  
 Eu, também, tenho um filho jornalista 94  
 evangelho da minha bondade, O 64  
 Fadiga 111  
 falencia da brasilidade, A 67  
 Feliz de ti que ainda choras 101  
 feudalismo rural da Zona da Mata, O 26  
 feudalismo rural da Zona da Mata, O 4  
 Figuras de romance e da vida 20  
 Foi o que me disse Paulo Verlaine 49  
 [Fotografia de Esdras Farias] 116  
 [Francisco do Rego Barros] 36

|  |       |
|--|-------|
| Futurismo... e etc....                                       | 115   |
| Garota   | 68    |
| gatinhos de rabo fino dos hotéis pobres, Os                  | 60    |
| historia de amor como tantas outras, Uma                     | 70    |
| <i>História geral da literatura pernambucana: antologia</i>  | 100   |
| história que ela não sabia e que eu lhe conto agora, A       | 59    |
| idéia de uma justa homenagem, A                              | 19    |
| igreja de São Pedro dos Clérigos, A                          | 95    |
| imortal Esdras Farias, O                                     | 125   |
| Itinerário de meus sapatos velhos                            | 105   |
| Kermesse [quermesse] de Esdras Farias                        | 42    |
| Lafcádio Hearn   | 34    |
| lampeão solitário d'aquela rua pobre, O ... Ao Esdras Farias | 120   |
| Lembranças tuas  | 85    |
| Lemos, Mariano   | 100   |
| Leopardi, Jabos  | 112   |
| Lima, Nenzinha de Azevedo                                    | 124   |
| linhas humanas do transito de um trem de ferro, As           | 63    |
| livro de Esdras Farias, O                                    | 123   |
| luta pelo nome, A  | 80    |
| Madalena, estância de vilegiatura                            | 28    |
| Mãe preta  | 66    |
| Mãe preta. Dedicado a Esdras Farias                          | 121   |
| Mandinga, Sinhá  | 38    |
| memórias de um homem de outros dias, As                      | 32    |
| Menino e moço  | 47    |
| mentira histórica de um episódio nacional, A                 | 44    |
| Meus bilheteiros velhinhos!                                  | 71    |
| milagre do amor, O   | 97    |
| minha doida, A   | 86    |
| minha vida encantadora, A                                    | 37    |
| Molequinho aleijado  | 69    |
| Monterde, Francisco  | 111   |
| Música pelas ruas  | 17    |
| Não importa!   | 110   |
| Não pode ser   | 5     |
| Não tenho medo de bamba!                                     | 11    |
| Nascimento, Luiz do  | 106   |
| Nos velhos montes olindenses                                 | 6     |
| obras do porto do Recife, As                                 | 30    |
| Oliveira, José Luis de                                       | 122   |
| ossos do artista, Os   | 78    |
| página de Baudelaire, Uma                                    | 109   |
| Palavras e palavras nada mais                                | 76    |
| Para você mesmo, Esdras                                      | 103   |
| Peregrinação sentimental                                     | 7     |
| pérola perdida, A  | 108   |
| Personalidade  | 118   |
| pobre diabo ahi sentimental e triste, Um                     | 73    |
| pobre diabo futurista, Um                                    | 55    |
| Pontas de cigarros   | 58    |
| Por essa estrada de Damasco                                  | 9     |
| Portella, Annibal  | 119   |
| pouco de poesia e humorismo, Um                              | 53    |
| preceptor de uma geração de jornalistas, O                   | 29    |
| Príncipe das Estrelas [pseud. de Esdras Farias]              | 52-54 |

procissão não voltou mais, A 21  
Quando não houve carnaval 18  
que era a Encruzilhada em mil novecentos e onze, O 27  
que eram, no passado, os meus amores, O 3  
Recife dos nossos dias, O 33  
*Recife pela voz dos poetas*, O 106  
Recordando-a... 83  
Rede cheirosa 98  
restea de luar que se fez mulher, Uma 75  
restea de sol corporisada, Uma 74  
Rua, mulher – seus gestos... seus sorrisos...seus perfumes 52  
Sá, Stênio de 120  
sacerdotes nos movimentos libertários de Pernambuco, Os 96  
século da velocidade, O 23  
Semana inglesa 24  
Simplício Júnior 115  
Teia de aranha. A Jáder de Andrade 77  
Tenho pena dos namorados 25  
Todos, menos eu 62  
tormenta desencadeada sobre uma existência, A 43  
Tostõesinhos pelo amor de Deus 46  
trem apitou , O 14  
Velhas barcaças. 10  
velhinha do céu, A 90  
velho portão, O. Dedicado a Esdras Farias 117  
Velhos tempos de festa 16  
versos da minha pobrezinha, Os 51  
Vida bohemica: poesia e fome 57  
violentas paixões de Castro Alves, As 99  
Você mesma 87  
Você tem que me ouvir 39  
Zamacois, Miguel 108